

Visão 14-12-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Política
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	339 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	122288	Página (s):	44

14 de Dezembro de 2006



Minas e armadilhas

STO ANDA TUDO AO CONTRÁRIO! TEMOS UM GOVERNO que, para diminuir o défice, tira regalias ou direitos e impõe sacrifícios – e o que acontece? Segundo as sondagens, o PS, partido que o sustenta, se houvesse eleições, voltaria a ter maioria absoluta. O primeiro-ministro mantém, ou até aumenta, a popularidade. Enquanto o principal partido da Oposição e o seu líder descem...

Há razões para este «fenómeno» e já aqui falei delas. Marques Mendes (MM) é sobretudo uma sua vítima, não lhe podendo ser assacadas responsabilidades especiais nessa situação. Não tem carisma e não tem feito uma oposição vigorosa, contundente? Carisma não tem (todos o sabiam, quando o elegeram líder do PSD), como não o têm os que a ele se opõem e como não o tinham vários antecessores seus. Quanto ao «fazer oposição», estamos conversados, a questão é saber o que isso significa. E o problema de MM não residirá em fazer oposição de menos, do que alguns o acusam, mas em fazer oposição de mais... Porque os cidadãos estão fartos das visões partidocráticas, maniqueístas, com oposições que por sistema são contra tudo o que o Governo faz e de governos que por sistema não aceitam como bom nada que a oposição propõe.

A verdade é que Mendes tem o caminho minado e armadilhado dentro do partido. Não me recordo, aliás, de ver tantos putativos candidatos à sucessão de um líder partidário como hoje, no PSD! Para mais, quando a liderança não está na ordem do dia, pois MM foi (re)eleito já este ano, e não perdeu nenhuma eleições, antes ganhou as autárquicas, e até certo ponto as presidenciais. São candidatos para vários gostos e feitos, uns mais *exibicionistas* e ruidosos, outros mais discretos.

Mas a verdade é que, com tais minas e armadilhas, Marques Mendes tem reagido da pior maneira, para conquistar apoios internos. O mais grave foi a campanha a favor de (para não dizer o súbito *namoro* com...) Alberto João Jardim. À qual se seguiu a aprovação pública da famigerada política de Rui Rio, afrontando as instituições culturais do Porto. Último tiro fora do alvo, ou no pé: a crítica indirecta ou velada ao Presidente da República, por numa entrevista se

ter referido ao «espírito reformista» do Governo.

Tal referência fez, aliás, correr muita tinta, sem justificação, pois Cavaco Silva tem apenas cumprido o que anunciou. Porque, durante a campanha, não só falou de «cooperação estratégica» com o Governo como deixou claro que tal cooperação não era outro nome para a coabitação, antes significaria apoio inequívoco, mesmo que lhe causasse problemas, a medidas difíceis necessárias para ultrapassar as dificuldades do País. «O Presidente tem de aceitar o risco de cooperar *activamente* (*sublinhados meus*) com outros órgãos de soberania para vencer a crise», disse-me, na entrevista publicada aqui na VISÃO a 5 de Janeiro deste ano.

Se as visões partidocráticas, maniqueístas, de fazer oposição ou de ser Governo, desprestigiam e prejudicam a Assembleia da República (AR), o mesmo sucede com incidentes como o ocorrido com a delegação do Parlamento Europeu (PE) que investiga os voos da CIA, que ficou num corredor de São Bento, após ver fechada a porta da sala do Senado, onde devia reunir-se com deputados portugueses. Tratou-se de uma situação lamentável, caricata e ainda mal explicada, inclusive por Jaime Gama. Em si mesmo o assunto pode ser menor, mas não o é o seu simbolismo e o que representa quanto à forma como, às vezes, as coisas «funcionam» na AR. Além disso, após Paulo Portas ter recusado o «convite» para se encontrar com aquela comissão e Luís Amado ter emitido um comunicado controverso, entre outros sinais, fica-se com a ideia de que alguns amigos portugueses do Presidente



Visão 14-12-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Política
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	339 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	122288	Página (s):	44

Bush, que apoiaram ou não se opuseram à invasão do Iraque, colocam resistências àquela investigação. Será?...

Também não prestigiaram o Parlamento alegadas tentativas de procurar soluções inconstitucionais para ir a julgamento o acidente ou crime de Camarate, entretanto prescrito. Por mim, gostava muito que isso acontecesse, por vários motivos. Mas fico perplexo quando ouço falar de hipóteses que significariam a aplicação retroactiva da lei penal ou a criação de figuras como um procurador da República «especial» para certos casos!... Não é verdade terem-se posto essas hipóteses? Então os deputados citados a esse propósito deviam tê-lo atempadamente desmentido, o que não aconteceu.

Enfim, uma boa notícia, que pode constituir, em simultâneo, um bom sintoma da melhoria da saúde da economia portuguesa e da expectativa dos agentes económicos: o

acordo entre todos os parceiros sociais, incluindo a CGTP, sobre o aumento do salário mínimo, até 2010. Mais do que a vitória do Governo, de que alguns falaram, é uma vitória da concertação social e, no meio de tantas *minas e armadilhas*, um sinal de esperança, num momento e numa sociedade em que esses sinais não abundam. ■

*Não me recordo
de ver tantos
putativos candidatos
à sucessão de um
líder partidário
como hoje, no PSD!*